

**INSCRITURA NEGROFEMININA DE HELENA DO SUL (1940 – 2009):
OS NÓS DE *AS FILHAS DAS LAVADEIRAS* (2002)**

Dênis Moura de Quadros

Universidade Federal do Rio Grande

denisdpg10@gmail.com

Resumo

Quando elencamos uma lista de obras de autoria de mulheres brasileiras, em especial nos últimos vinte anos, percebemos duas lacunas: mulheres da região sul do país; e mulheres negras. Ao entremear ambas as categorias, o silenciamento torna-se marcante a ponto de crermos não existirem escritoras negras gaúchas. O objetivo desse artigo é apresentar uma análise afrocentrada da obra *As filhas das lavadeiras* (2002), de Maria Helena Vargas da Silveira, mulher gaúcha e negra. Como arcabouço teórico elenco outras ferramentas de análise (LORDE, 2019), como a inscritura negrofeminina (QUADROS, 2023), ponto central de discussão; escrevivência (EVARISTO, 2005; 2007); e a dororidade (PIEIDADE, 2019). A obra traz vinte e um relatos de filhas de lavadeiras das regiões sul e sudeste do país, ora em primeira pessoa, ora em terceira, tecendo histórias de resistência e rasurando a “História oficial”.

Palavras-chave: Literatura afrofeminina; inscritura negrofeminina; escrevivência.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Dênis Moura de Quadros

Doutor em Letras, área de concentração História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pesquisa, sobretudo, a obra da pelotense Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009) também conhecida como Helena do Sul. Mais recentemente, tem se debruçado às leituras de um “giro epistemológico” na Crítica Literária, em especial, através do Afrofuturismo.



lattes.cnpq.br/3223715562579993



orcid.org/0000-0001-5733-6857

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

INSCRITURA NEGROFEMININA DE HELENA DO SUL (1940 – 2009): OS NÓS DE *AS FILHAS DAS LAVADEIRAS* (2002)

Dênis Moura de Quadros
Universidade Federal do Rio Grande
(denisdpg10@gmail.com)

Considerações iniciais

Ao analisarmos as obras de autoria de mulheres na Literatura brasileira, percebemos um perfil constituído de escritoras nascidas ou residentes no eixo Rio-São Paulo, caucasianas e pertencentes a classes econômicas privilegiadas. Quando miramos a região sul do país, nomes como as premiadas Verônica Stigger (1973-) e Natália Borges Polesso (1981-) elencam essa lista de autoras. Contudo, quando o recorte percorre, também, questões étnicas, escritoras negras são, ainda, invisibilizadas. É, então, a partir dessa lacuna na crítica literária que esse artigo se insere, trazendo ao centro do debate a obra *As filhas das lavadeiras* (2002), da escritora negra gaúcha Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009), uma das precursoras da Literatura afro-gaúcha, e analisando-a a partir de outras ferramentas analíticas, em especial, as afrocentradas.

A professora Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009), ou como se autodenomina: Helena do Sul nasceu em 4 de setembro de 1940 e publicou, entre 1987 e 2007, dez obras literárias. Essas obras variam entre poesia, contos, crônicas, romance de formação e novelas sociais. Foi professora em escolas públicas de diversas cidades gaúchas, entre elas Porto Alegre, Pelotas e São Lourenço do Sul. Foi patrona da Feira do Livro de São Lourenço em 1995 e, em 1999, mudou-se para Brasília com a finalidade de assumir um cargo administrativo na Fundação Cultural Palmares. Helena do Sul tornou-se uma Ancestral em 2009, vítima de um aneurisma cerebral. Em entrevista à professora Sátira Machado, Helena discorre sobre a escolha de seu epíteto ao afirmar essa pertença como devir: “Eu vou me

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

descobrimo a cada momento com[o] mulher negra gaúcha. Assumi agora Helena do Sul. Minha posição firme de gaúcha” (SILVEIRA apud MACHADO, 2006, p. 254).

Dejair Dionísio (2013) já afirmava, analisando *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, que “O lugar dos ancestrais é a água, onde habitam com sua força vital” (DIONÍSIO, 2013, p. 76) e, com certeza, Oxum¹, a Orixá responsável por iniciar a primeira Yaô, tem destaque especial nessa obra. Em semelhante sentido, *As filhas das lavadeiras* (2002) constitui-se como um álbum de memórias e fotografias recolhidos por Helena do Sul e montados em quatro atos: as memórias das filhas não lavadeiras refletindo sobre a força de suas mães na esperança e incentivo de educá-las; a análise desses relatos, perpassando os próprios rastros da avó Joaquina Vieira, lavadeira; a poesia recolhida dos ecos das canções das lavadeiras; e o álbum de fotos dessas pilastras familiares.

Helena do Sul elabora, além dos atos, um roteiro em que somos levados junto dela a recolher as peças, roupas esgarçadas que remontam aos rastros dessas mulheres majoritariamente negras (há relatos da presença de lavadeiras brancas pobres que também são recolhidos por Helena do Sul) que rompem com os grilhões herdados da escravização, formando as filhas para que tenham outra profissão. Aliado a esses aspectos, a escrevivência, termo concebido por Conceição Evaristo, retoma a autorrepresentação nas obras escritas por mulheres negras, rompendo com estereótipos pejorativos. A escrevivência é o ressoar das vozes Ancestrais com histórias que devem abalar as estruturas da “Casa Grande”. É uma escrita de nós, não do substantivo, mas do pronome pessoal da primeira pessoa do plural.

Após essas peças serem levadas à beira do rio, no ato segundo, Helena do Sul vai recortando rastros que também são seus (os nós das peças de roupas). O que resta dessa lavagem são pequenas bolhas que fogem aos dedos das lavadeiras. Ainda, a música é, também, herança negra dessas mães e, então, o quarto ato é tecido em poemas. Ao final, a obra traz fotografias, recordações dessas mães, incluindo Maria Yolanda Vargas da Silveira, mãe de Helena do Sul.

A obra é prefaciada por Nelson Inocência, no capítulo intitulado “Cortina”, precedido de uma introdução escrita pela autora, “Roteiro”. Na introdução, Helena do Sul tece a sinopse/prenúncio de quatro atos que estruturam a obra: “Referências históricas”; “Lavação de roupas”; “Peças expostas ao vento”; e “Secar”. Ainda, antes de partir para o primeiro ato, em “Cenário”, Helena do Sul recupera rastros históricos que também são seus. Esse álbum de memórias estrutura a obra e é tecido a partir dos rastros familiares das filhas das lavadeiras,

¹ Oxum é a Orixá das águas doces e das cachoeiras, elementos naturais que fizeram parte do cotidiano das lavadeiras.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

em que Helena do Sul, de posse das peças-rastros, afirma: “Vejo um quadro vivo inteiro, muito perto de mim, na visão, nos gestos, no cheiro [...] soprando ventos, barulhando vendavais, arremessando eletrizantes faíscas que se tornam mágicas baquetas” (HELENA DO SUL, 2002, p. 12). Essas baquetas retomam tanto o Opaxorô quanto o Ixan. O Opaxorô pela passagem que Helena do Sul faz do cetro, metaforizado na caneta/fala, que percorre as narrativas das filhas das lavadeiras, recolhendo rastros, retornando para Helena do Sul. Já o Ixan é batido três vezes no chão reverenciando a ancestralidade das mães, avós e tias que contribuíram para a formação de cada filha na beira dos rios, lugar em que, segundo o Ítã, os primeiros Eguns ressurgem e são vestidos com sua roupa ritual.

O primeiro ato, “Referenciais históricos”, recolhe vinte e um relatos de filhas de lavadeiras, vinte deles advindos diretamente das filhas que retomam a força insubmissa das mães e a esperança na educação como ruptura da subalternização histórica, e um relato que compactua com as falas de outras duas filhas, estes vindos de Caxambu- MG. Esse único relato, que não aborda explicitamente uma mãe lavadeira, mas os rastros negros da cidade, é tecido em terceira pessoa por Amália Portella. Assim, os relatos colhidos por Helena do Sul são de São Paulo; do Espírito Santo; do Rio de Janeiro; de Minas Gerais; de Santa Catarina; e do Rio Grande do Sul. Dos vinte relatos das filhas de lavadeiras rememorando suas mães, dez são escritos em primeira pessoa com algumas intervenções de Helena do Sul e os outros dez em terceira pessoa, como se Helena do Sul rememorasse as conversas que teve com essas filhas.

A partir do questionamento de Audre Lorde (1934-1992) sobre as ferramentas necessárias para romper com o jugo do opressor/colonizador (LORDE, 2019), o pesquisador Dênis Moura de Quadros pensa, a partir de um giro epistemológico, as obras de autoria de mulheres negras como “inscrituras” e afirma que: “Escritura, por ser sagrada, por portar o axé, inscritura por ser atravessada por um corpo negro e, sobretudo, um corpo de mulher negra na sociedade brasileira. Logo, toda produção literária de autoria de mulheres negras é uma “inscritura” que traz as vozes do coletivo, a “escrita de nós” (QUADROS, 2023, p. 17).

Percorrendo os depoimentos-falas: escrevendo

Rompendo a cronologia disposta por Helena do Sul que conserva em grupo apenas os relatos mineiros, começamos pelos relatos individuais advindos respectivamente dos estados São Paulo e Espírito Santo. De São Paulo, Rachel de Oliveira, militante do Movimento Negro, doutora em relações raciais e educação rememora sua trajetória e a força de sua mãe lavadeira, empregada doméstica, dona Maria Isabel de Oliveira. Já do Espírito Santo, quem

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

rememora a vida sofrida de sua mãe lavadeira, dona Benedita dos Santos Loureiro, é Omy dos Passos Loureiro.

Rachel tece seu depoimento da mãe lavadeira, que se confunde com sua própria história, em primeira pessoa. Além disso, recorda também de sua libertação pela educação e militância rompendo, inclusive, as amarras religiosas e familiares. Acredita que sua contribuição com a obra é um ato importante, pois resgata os rastros e reavalia a história dessas mulheres negras esquecidas. Rachel afirma: “Estou participando deste ato porque sou filha de uma lavadeira, de uma senhora que, por muito tempo, lavou roupas nas casas das patroas e quando não podia [...] lavava em casa” (HELENA DO SUL, 2002, p. 143). Sua mãe, dona Maria Isabel teve oito filhos, todos educados e criados com o dinheiro advindo de seu trabalho braçal.

Refletindo sobre a profissão braçal de sua mãe em comparação com o seu labor intelectual, Rachel acredita que, de alguma forma, o zelo que sua mãe mantinha com relação às roupas lavadas, quaradas e postas para secar refletem-se em seu zelo por educar, buscar metodologias e tentar: “[...] ajudar na mudança, na transformação das pessoas para que elas fiquem bonitas, para que elas se encantem. Acho que esta é a ligação simbólica” (HELENA DO SUL, 2002, p. 144). Rachel comenta que sua família carrega um problema cardíaco genético e, por isso, sua mãe compreendia que ela não suportaria ter a mesma profissão de lavadeira e apostava, então, na educação. Esse fato faz com que a patroa da mãe, dona Ida, matricule-a no Colégio Dante Alighiere, uma escola particular de São Paulo (SP), ainda existente. A saudade de estar junto da mãe e de seus irmãos marca essa fase educacional de Rachel.

Mesmo depois de idosa, com limitações físicas, Maria Isabel continuou lavando roupas, sempre prestativa. Rachel afirma que essa função se assemelha a um destino da mãe: “Parece que tinha que cumprir uma Missão e eu tinha a impressão que deveria, também, cumprir alguma tarefa, eu tinha que estudar” (HELENA DO SUL, 2002, p. 146). Assim, ambas as mulheres negras seguem o que creem ser suas “missões”: a mãe lavando roupas e Rachel estudando. O pai, motorista e condutor de bonde, era pastor evangélico e, por extensão, a mãe também se enclausurava nas malhas religiosas. Rachel, contudo, sempre questionou essa ausência negra na bíblia e quando indagava à mãe sobre a ausência de anjos negros era sugestionada a não perguntar.

Na trajetória acadêmica, Rachel experencia um caso de racismo em que não se acomoda, mas sim o combate. O relato aponta: “Mas eu fui fazer a Faculdade, onde comecei a brigar por coisas que eu via na Igreja e não achava certo. Briguei quando o professor da Faculdade me chamou para ser sua empregada doméstica” (HELENA DO SUL, 2002, p. 148).

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Uma mulher negra é, em uma sociedade discriminatória sexista e racista, naturalizada na figura da empregada doméstica, essas questões já foram apontadas por Lélia González (1982) na década de 1970.

Através do processo de reconhecimento/aceitação da negritude, Rachel liberta-se e busca libertar outras pessoas, ou melhor, empodera-se como mulher negra: “A gente não pode estar no mundo sem ter liberdade de caminhar. Mas não tenho a liberdade de caminhar olhando só para a frente porque a minha gente está para atrás” (HELENA DO SUL, 2002, p. 151). A negritude também engendra uma noção *maítica*² de coletividade, de preocupar-se com as outras mulheres negras e com o povo negro. Essa preocupação deriva, talvez, do cuidado da mãe lavadeira tanto com as roupas quanto com os filhos. Ainda, Rachel reflete sobre essa resistência constante, segundo ela mesma sinaliza: “Fui tentando ser pessoa [...] com minhas crenças e [...] ir lutando contra o preconceito racial, o machismo, contra a injustiça, sem precisar ficar com a espada na mão o dia inteiro” (HELENA DO SUL, 2002, p. 153). Grada Kilomba (2019), reflete sobre a toxicidade desse mito de mulher negra forte que acaba, em certos discursos, legitimando a violência, tanto física quanto moral, além da violência obstétrica, bem como reforçando a solidão da mulher negra.

Dona Omy dos Passos, rastro colhido no Espírito Santo, é narrado em terceira pessoa como se Helena do Sul rememorasse uma conversa que teve com a filha da lavadeira Benedita dos Santos Loureiro. Ainda, Helena do Sul cita a ponte construída por Núbia e a importância da construção de redes de apoio que permitiram o relato de Omy, uma senhora de 65 anos. Dona Omy recorda que quando menina ajudava sua mãe. Ainda, além do ofício de lavadeira, o trabalho nas lavouras desvela as marcas da escravização africana em que as mulheres eram equiparadas aos homens escravizados no trabalho das lavouras.

Omy ajudava a mãe que fazia questão que os filhos estudassem para que “fosse[m] alguém na vida” (HELENA DO SUL, 2002, p. 188). Essa preocupação é recorrente nos rastros recolhidos, bem como a esperança no estudo como ruptura de uma herança colonial. Omy recolhia águas do poço, ajudava a torcer e estender as roupas, contudo “Consegui estudar, fazer um Curso de Relações Humanas” (HELENA DO SUL, 2002, p. 189), fato que a faz romper com uma possível herança laboral materna. Helena do Sul ainda destaca a importância do ouvir, marcando a necessidade de romper com o silenciamento oferecendo ouvidos: “Dona Omy é uma filha de lavadeira que vem enriquecer este trabalho graças à solidariedade e à comunicação de pessoas que ainda param para ouvir o que os outros têm a contar” (HELENA DO SUL, 2002, p. 190). Omy também reflete sobre a importância de falar e refletir sobre o

² Referente à deusa da mitologia egípcia Maat que personifica a harmonia e a ordem. Maat é uma deusa jovem e bela que carrega em sua cabeça uma pluma usada para pesar o coração dos mortos no júri de Anúbis.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

racismo estrutural que não dá oportunidades aos negros em uma sociedade em que: “[...] a maioria é negra e misturada com negro, mas as oportunidades de desenvolvimento são mais difíceis para os negros. Disse que precisamos contar as nossas lutas e viver com ousadia a busca do nosso progresso” (HELENA DO SUL, 2002, p. 191).

Do estado carioca temos dois relatos: o de Neide Ferreira, falando de sua mãe Nadir Ferreira; e de Ruth de Souza (1921-2019), falando de sua mãe Alaíde de Souza. Ambos os relatos discutem os temas do racismo e do sexismo. Neide inicia sua narrativa descrevendo a dificuldade de lembrar sua infância, mas rememora sua mãe e outras mulheres negras que lavavam roupas no córrego do rio Maracanã: “As mulheres tinham, como atividade principal e de sobrevivência, a lavagem de roupa” (HELENA DO SUL, 2002, p. 118). Nessa época, as atividades desenvolvidas pelas mulheres, em especial as negras, eram de lavadeiras, domésticas ou, em caso de solteiras, nas fábricas.

À beira dos rios, as mulheres negras já ressignificavam o conceito de *sororidade*, constituindo uma *dororidade* (PIEDADE, 2017) em que: “No momento da lavagem de roupa [...] falavam do cotidiano, das suas alegrias, das suas angústias e das suas tristezas. Hoje, eu percebo que todas elas eram marcadas por um machismo incrível.” (HELENA DO SUL, 2002, p. 119). Esse machismo expressava-se principalmente na infidelidade conjugal dos maridos. Nessas relações, Neide recorda sua mãe em posse do ferro em brasa soprado e o seu cuidado para não manchar as roupas brancas, em especial, o terno de linho branco do marido que ia para as gafeiras, mantendo seu *status* de macho. Na beira do rio, a Dororidade dessas mulheres discutia as estratégias de resistência e existências.

O córrego de água limpa do rio Maracanã era enfeitado pelas bacias de alumínio, usadas para carregar as roupas, levadas nas cabeças dessas mulheres cujos Ôris eram cobertos e protegidos apenas por tecidos. Além da lavagem das roupas, passavam e engomavam-nas com amido de milho, cuidando para que nenhum amassado ficasse. Nesse contexto, além do pouco dinheiro das lavagens de roupas, atrelados aos dias de chuva, o progresso também atrapalha a subsistência dessas mulheres.

Uma das coisas angustiantes da lavagem de roupas é que as lavadeiras lavavam em um córrego onde as fábricas de tecido lançavam as águas do tingimento das peças e, então, quando as fábricas soltavam as águas, elas não podiam lavar no córrego porque manchava as roupas. Elas ficavam na beira do córrego, aguardando que a água ficasse limpa (HELENA DO SUL, 2002, p. 123)

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Neide demonstra muito orgulho de sua mãe que, mesmo semianalfabeta, auxiliou a sobrinha a ler através do incentivo com revistas em quadrinho. Essa gratidão se ilustra em uma frase central do relato, talvez mais presente nas falas das filhas: “Tudo o que eu sou realmente agradeço a minha mãe pela cumplicidade, pelas horas de me impulsionar, de me questionar de dizer *você não vai ser menos, você vai ser mais*” (HELENA DO SUL, 2002, p. 128, grifos meus). A esperança de romper com uma estrutura que subalterniza e marginaliza, ser alguém, ser gente. Essa preocupação materna estende-se para a população negra estereotipada pelos mitos engendrados sob a democracia racial. Neide reflete sobre essa falsa afirmação que faz parte do racismo estrutural: “Dizem pejorativamente que o negro é preguiçoso, mas basta você ficar olhando, numa parada de trem, para ver a cara de quem move a economia do Estado, a cara de quem vai trabalhar muito e sai nas madrugadas e retorna à noite para os seus lares” (HELENA DO SUL, 2002, p. 131). afinal, são as mãos negras que movem as engrenagens do país.

A partir da submissão da mãe e de outras mulheres, Neide reflete que a mulher, em especial a negra, não deve manter o padrão machista de suas famílias, pois, dentre outras questões, essa estrutura afeta a autoestima das crianças. Reflete, ainda, sobre uma maneira de militar no Movimento Negro sem engessamentos, um movimento que parte de sua vivência e da vivência individual de cada um, ou melhor, da escrevivência (EVARISTO, 2005) de nós. Essa forma de militar também reflete a negritude que busca, em seu processo, a reavaliação histórica (GONZÁLEZ, 1982), o recolhimento dos rastros em que “[...] cada negro, fazendo alguma coisa de positivo para seus filhos, nas suas comunidades, passando referenciais positivos em relação ao negro, a sua história, para trabalhar a autoestima desta nossa gente massacrada” (HELENA DO SUL, 2002, p. 135).

Ruth de Souza, Ancestral negra, discorre sobre sua mãe Alaíde, lavadeira. Recorda ainda da avó que trabalhou durante muitos anos na casa da família Galvão. O gosto pela arte, influenciando suas escolhas na carreira de atriz, procedem da mãe que: “Quando passava roupas, à noite, minha mãe sempre tinha um rádio por perto para escutar as óperas e operetas que eram transmitidas do Teatro Municipal” (HELENA DO SUL, 2002, p. 182). Após escutar atenta as óperas, ela as recontava para as filhas menores, ou seja, Ruth crescera em meio a essas histórias.

A atriz tem uma preocupação com a ruptura dos estereótipos sociais das mulheres negras, por isso, remete-se à sua participação e militância no TEN (Teatro Experimental do Negro) “O Teatro Experimental do Negro foi uma forma que encontrei, dentro da minha profissão, para dar uma certa dignidade à imagem e à postura da mulher negra” (HELENA DO SUL, 2002, p. 184). Além disso, retoma um sofrimento seu, compreendido pela dororidade

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

(PIEIDADE, 2019), pois intersecciona a discriminação sexista à racista: a solidão da mulher negra. Ela reflete da seguinte forma: “[...] temos mulheres negras lindas, inteligentes, trabalhadoras, assim como temos homens negros bonitos, interessantes, inteligentes e trabalhadores, mas que fazem a sua coroação com as mulheres brancas. [...] Eu sou gente” (HELENA DO SUL, 2002, p. 186). Reforça-se, então, o que se tem debatido acerca da solidão da mulher negra. Ruth, a atriz negra que marcou a história da televisão brasileira, torna-se Ancestral por conta de uma pneumonia aos 98 anos de idade em 2019.

Em Minas Gerais, nos três relatos, percebemos a presença de um destino ocupacional herdado que é rompido pela educação. Sueli Carneiro (2011) reflete sobre essa questão para as mulheres negras que seguem as ocupações desempenhadas por suas Ancestrais no período colonial. O primeiro relato é de Maria Aparecida, falando de sua mãe Iracema, que segue o ofício materno, como se tivesse herdado a profissão, contudo, tem consciência de que essa realidade deve ser rompida e não deseja o destino às filhas. O relato posterior, inclusive, é de sua filha, Ana Maria. Maria Aparecida Gonçalves da Silva narra sua história em primeira pessoa, retomando os rastros e memórias de sua mãe e de fatos que considera interessantes sobre Caxambu- MG. Maria Aparecida afirma: “Convivi, desde menina, com todas as dificuldades impostas pela profissão de lavadeira, a qual passou por todas as gerações de minha família” (HELENA DO SUL, 2002, p. 25). Essas dificuldades, como podemos perceber, são concebidas como uma herança, deixada pelas mães que reatualizam o pacto colonial de trabalhar para sobreviver para os descendentes de donos de escravos.

Tristemente, a filha da lavadeira Alice não conseguiu ter outro destino que não o já traçado pela estrutura racista, embora compreenda que essa herança não precisava ser reproduzida: “Lavei roupas, como minha mãe, porém já pude contribuir para o estudo dos meus filhos. Bom seria que houvesse sempre este crescimento em nossa sociedade, através das gerações” (HELENA DO SUL, 2002, p. 28). A consciência de Maria Aparecida e a esperança na ruptura de sua realidade permitem que sua filha não necessite lavar as roupas de ninguém além das suas. Assim, o Opaxorô (cetro da criação que fala) é passado para sua filha, Ana Maria Martins, que relata/recolhe os rastros de sua militância do Movimento Negro e engajada na restauração e manutenção das Congadas.

A insubmissão da mãe foi a herança transmitida à filha e não o sacrifício e miséria. Ana já compreendera, talvez desde a infância, que as terras doadas aos colonizadores garantiram as riquezas materiais de seus descendentes. Assim: “Ana Maria está na luta, trabalhando a parte cultural das Congadas, conversando com os congadeiros que desejam uma vida melhor para os seus filhos” (HELENA DO SUL, 2002, p. 31). Com as correntes

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

rompidas nas mãos, Ana busca a ruptura de muitas outras correntes, permitindo que gerações futuras sonhem e tenham a oportunidade de realizar esses sonhos.

Essa perspectiva libertária é endossada por Amália Helena Portella que, frente à reunião dos congadeiros da região, busca essa ancestralidade. Congadeiros de “[...] Guapé, Soledade de Minas, de São Gonçalo do Sapucaí, Conceição do Rio Verde, Jesuânia, Lorena, Lambari e Cambuquira que estão tentando conservar a tradição” (HELENA DO SUL, 2002, p. 38). Essa reunião é uma forma de manter a Ancestralidade Banto, em que reatualizam o casamento do rei do Congo com a Rainha Nzinga, levando tambores, chocalhos, dançando e cantando em cortejo pela cidade. Além disso, carregam os estandartes de Nossa Senhora do Rosário e outros de São Benedito.

Do estado de Santa Catarina temos cinco relatos de filhas de lavadeiras: Darci, Valquíria, Valdeonira e Maria de Lourdes ou, como é conhecida, dona Uda. Três desses relatos são apresentados em terceira pessoa e os outros dois, em primeira pessoa. O primeiro relato, de dona Darci, rememora a precariedade da vida de lavadeira no bairro Monte Serrat onde auxiliava a mãe Paulina esfregando as roupas em pedras na beira de fontes ou em tanques que eram cheios de água carregada em latas. Esse tempo relatado era de muito sacrifício, pois as lavadeiras permaneciam o dia todo de joelhos; além disso, a alimentação era muito pouca contando com café e pão e, em momentos mais amenos, pirão de farinha de mandioca com um pedaço de linguiça assada na brasa.

Interessante notarmos que sempre houve uma preocupação coletiva das mulheres, umas com as outras, que Darci retoma da seguinte forma: “[...] uma lavadeira ajudava sempre a outra” (HELENA DO SUL, 2002, p. 43), ou seja, mesmo sem etiquetar essa ação, elas praticavam a *dororidade*, uma compreendendo as limitações da vida impostas à outra. Além disso, a preocupação com os filhos também era algo compartilhado. Essa filosofia de vida é mantida por Darci, educadora aposentada, que mantém o Centro Cultural Escrava Anastácia, em que recebe crianças de baixa renda auxiliando a alfabetização, artes plásticas, jogos, teatro, música, dança e, sobretudo, ampliando a visão de mundo dessas crianças majoritariamente negras. Além disso, o nome do Centro Cultural retoma a figura da escrava com a máscara de flandres silenciadora que é, tal como na introdução nos estudos de Grada Kilomba (2019), despedaçada.

De Valquíria, filha de Maria Jovelina, Helena do Sul recolhe os rastros de outra lavadeira catarinense que, desde muito pequena, lavou roupas à beira dos rios. Valquíria retoma uma das cenas mais desumanas relatadas na obra: “[...] ainda criança, lavando um jogo de lençol de linho, não teve a força necessária para segurar a peça e a correnteza do rio levou

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

o lençol. [...] precisou pagar com o seu próprio dinheiro dos lavados” (HELENA DO SUL, 2002, p. 52-53). Valquíria também rompeu com o ciclo de herança de lavadeira, estudara.

As reflexões sobre a profissão de lavadeira das mães, bem como a transmutação da mucama em lavadeira e doméstica é refletida por Valdeonira, filha de Maria Martinha, também de Santa Catarina. Nascida em 1896, Maria Martinha é filha de um casal de escravizados, e é da mãe que aprendera o ofício de lavar, engomar, passar as roupas das senhoras brancas. Valdeonira, contudo, destaca que a mãe lhe deixara de herança, tal como a outros negros, uma gama cultural que resiste em um estado, tal como o Rio Grande do Sul³, tido como branco. A filha recorda que, quando não havia água em casa, era necessário que se lavasse à beira das cachoeiras de água doce da ilha, mais afastada, levando na cabeça as trouxas de roupas. Como as demais, rompeu com a herança colonial de lavadeira. Estudou graças a sua mãe lavadeira, nesse sentido, reflete sobre as oportunidades que sua mãe não teve: “Lavar roupa foi o trabalho que minha mãe sabia e podia fazer, não aconteciam outras opções e ela, por meio dos resultados deste trabalho, concretizou o desejo de ver seus filhos educados” (HELENA DO SUL, 2002, p. 168).

Dona Uda, registrada civilmente como Maria de Lourdes, é filha da lavadeira Angelina Veloso. Ela relata as músicas sacras cantadas pela mãe na beira dos rios, pedindo a Deus pelos seus filhos. Assim como Valdeonira, Uda reflete sobre a herança deixada pela mãe constituída de um “[...] mundo cultural dela porque suas atitudes, maneira de ajudar nos momentos necessários, eram constantes.” (HELENA DO SUL, 2002, p. 173), ou seja, um conjunto de atos, costumes e forma de viver. Como educadora, dona Uda rememora essas dores conforme se nota no episódio em que ela chega à escola em Blumenau-SC e é mal recepcionada pela única professora negra que lecionava lá, ou mulher, de pele negra, porque a falta de consciência da colega não lhe permitia se concebida como tal. Para além disso, dona Uda relembra Antonieta de Barros (1901-1952), escritora, política militante negra catarinense.

Por fim, os rastros recolhidos por Helena do Sul perpassam outra catarinense, Maria José. Esta relata sobre sua mãe, Maria Luiza, que destaca a importância de contribuir para o álbum de memórias afirmando que: “[...] mais do que um depoimento sobre a sua mãe, estará fazendo uma homenagem a todas as mulheres que educaram seus filhos ao redor dos tanques” (HELENA DO SUL, 2002, p. 67). Maria José tem orgulho da força insubmissa e resistente de sua mãe ao encerrar o relato reiterando ser ela filha da lavadeira Mariz Luiza.

³ Estima-se que 18,7% da população do Rio Grande do Sul é negra, segundo dados do IBGE 2021.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Já em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, Maria José recorda que eles eram os únicos “morenos”, filhos negros com ascendência alemã e africana. Eram chamados de morenos e exerciam as atividades laborais entre elas, a lavação das roupas. Das memórias da mãe, retoma a falta de carinho paterno que, após a morte da esposa, vendeu as terras que lhe pertenciam, deixando Maria Luiza na miséria. Ademais, recorda-se que a matriarca recebia castigos na infância: “Minha mãe contava, com lágrimas nos olhos, que quando fazia xixi na cama, era jogada no rio a uma temperatura abaixo de zero grau, com colchão e tudo” (HELENA DO SUL, 2002, p. 68).

Nas lidas de lavação com o sabão de soda, a mãe cantava as canções da Festa do *Boi Mamão*⁴, uma variante do Boi Bumbá em que a cabeça do boi era feita de mamão verde, por isso o nome. A mãe era lavadeira do Abrigo de Menores onde organizou um grupo de lavadeiras, empreendendo um negócio baseado na dororidade, pois firmava acordos de lavagens e mantinha o sustento de outras famílias de baixa renda como a dela. Essas mulheres, “Nas horas de folga, faziam doces, mais comumente um bolinho saboroso, o qual chamávamos bolinho de chuva, feito com farinha de trigo, ovos, açúcar e banana” (HELENA DO SUL, 2002, p. 71).

Maria José, rompendo com o ciclo de lavadeira, estudou no Colégio Coração de Jesus. Além dela, outras quatro meninas negras também estudam na instituição. Não obstante o avanço/mobilidade social, sofreu preconceito social por ser taxada como “a filha da lavadeira”. Apesar da avó alemã, a mãe sempre afirmava que ela e os irmãos eram negros, retomando sua negritude. Assim, a filha tornou-se negra (SOUZA, 1983), compreendendo seu lugar no mundo e refletindo sobre a falsa história, chegando à conclusão de que: “[...] essa profissão de lavadeira não foi uma opção agradável para nossas avós, mães, tias, enfim, foi uma opção forçosa em função da migração forçada dessas netas e filhas de africanos que foram guindados à força para este país” (HELENA DO SUL, 2002, p. 75). Ou seja, questiona o processo de escravização rompendo com as estruturas que subalternizam historicamente os negros. Adicionalmente, ela considera que: Somos os remanescentes das que aportarem, à força no Brasil, não para fazer docinho ou vender acarajé no Pelourinho, piquenique, ou coisa que o valha. Nossas bisavós e posteriormente nossas mães, ou tinham que varrer, passar, cozinhar, cuidar dos filhos do senhor, deitar com esses senhores, forçosamente, dançar para eles, cantar para eles, tudo era trabalho (HELENA DO SUL, 2002, p. 76)

⁴ O Boi de Mamão é uma manifestação folclórica típica de Santa Catarina. É um evento anual que combina música, dança e teatro assemelhando-se a festa do *Bumba meu boi* nordestino.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

A cultura do estupro é rememorada como um ato colonial ao lado dos afazeres desempenhados pelas mucamas que se transmutam para a profissão de empregada doméstica e, em especial, lavadeiras. Assim, repetimos que se a cultura do estupro não nasce na colonização, ela intensifica-se nesse período. Não é à toa que o estereótipo da mulata, corpo negro sexualizado e desejado repete-se na literatura canônica produzida por homens brancos descendentes desses senhores. Na medida em que se tornarem Donas de si, as mulheres negras assumem a caneta mística, elas também autorrepresentam-se rompendo esses estereótipos e mitos.

Dos nove relatos do estado do Rio Grande do Sul, de onde vem a maioria dos rastros colhidos. Cinco são em primeira pessoa e os outros quatro, em terceira pessoa. O primeiro relato é de Sandra, assistente social, que rememora, em primeira pessoa, a vida precária ao lado da mãe lavadeira Iracema e sua esperança na educação como forma de ascensão socioeconômica dos filhos. Dentre as dificuldades recorda de quando a mãe cozinhava feijão, este não possuía acompanhamentos. No entanto, quando a avó Isaura vai morar com a família, as refeições se tornam melhores, pois a avó cozinheira levava para casa a refeição que sobrava da mesa dos patrões. O diferencial da mãe, destacada pela filha, é o gosto pela música clássica, pela poesia e pelo teatro. Uma apreciação compartilhada e já citada por Ruth de Souza.

Na ordem como estão publicados na obra-álbum, o próximo rastro advém de Pelotas (RS), a cidade natal da autora e onde Gilda, especialistas em Estudos Sociais, rememora a mãe lavadeira Arlinda. Esse relato, narrado em terceira pessoa, é intrincado nos rastros de Helena do Sul, que rememora a casa cheia de lençóis na rua dos trilhos em que a família da amiga Gilda morava. Com a lavagem das roupas e de outras economias com as quais custeou educação para as filhas, Arlinda e a família mudam-se para uma casa grande no Jardim Leocádia, também em Pelotas (RS).

Outro rastro recolhido, narrado em terceira pessoa, é um achado muito importante, na visão de Helena do Sul, já que vem dos antigos povoados de Palmares do Sul e Passinhos, atual município de Osório (RS). Nesse relato, Maria Isabel, filha da lavadeira Maria de Lourdes, conta que além das lavagens de roupa, a mãe ajudava o marido a cuidar da lavoura dirigindo o trator, o que reflete a vida dura e transmutada das funções desempenhadas pelos escravizados. Além disso, pela falta de tempo, os afazeres domésticos acabam sendo responsabilidade de Isabel. Em seguida, mãe e filhos mudam-se da granja e partem para cidade em busca de perspectiva de vida para os filhos e, com o dinheiro economizado de anos, conseguem comprar um terreno em uma área de prostituição em

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Osório (RS). Para subsistência da família, a mãe, além de lavar roupas, costurava, arte que aprendeu reformando as roupas dos filhos doadas pelas patroas.

Isabel forma-se alfabetizadora, contudo, a busca por emprego não se torna mais fácil, pois: “Depois de formada, Isabel teve de enfrentar muitas lutas. Havia concorrência desleal para a contratação das professoras e as preferidas eram as moças brancas” (HELENA DO SUL, 2002, p. 61). Da vida em Osório, ao lado da mãe e do irmão, relembra dos Maçambiques⁵, herança cultural Banto no Rio Grande do Sul. Do cortejo, recorda a participação de homens, mulheres e crianças vestidos com calças brancas, algumas com listras vermelhas, outras com listras azuis. Além disso, a coreografia dos capitães de espadas, cruzando-as no meio dos dançantes e cantantes, é uma lembrança marcante de sua infância. Relata também: “[...] Amarradas nos tornozelos, os moçambiqueiros traziam as maçaquaias, balainhos feitos de taquara, com sementes dentro” (HELENA DO SUL, 2002, p. 64). Encerrando o relato, Isabel sente-se orgulhosa de poder contribuir com sua história e a de sua mãe, rompendo os estereótipos e as histórias que destacam a subalternidade, e a marginalização dos descendentes de africanos escravizados.

As memórias recolhidas na trajetória de dona Aracy, remontam a narrativa de sua mãe Lavadeira Reduzina. Inicia-se com a morte do pai que acarretaria mais tarde a miséria da família. Não tendo onde morar, Aracy, seu irmão e sua mãe vão viver com Madalena, irmã de Aracy. Nesse novo contexto, o ofício de lavadeira gera vários embates pelo constante trânsito dos clientes, assim, aos quinze anos o pai começa a trabalhar como motorista, ofício que garante o aluguel de uma pequena casa. A mãe não incentivou Aracy a estudar, porque temia a frustração da filha e as dificuldades em não ter como arcar com a educação da menina. Mesmo assim, Aracy segue os estudos e forma-se alfabetizadora. Sobre a origem da família, Aracy afirma que a mãe muito pouco falava e, a respeito de uma dessas poucas histórias, relatava que a mãe de Reduzina teria sido comprada, junto com sua irmã, por um português apaixonado.

Já no relato de Maria Marques, Helena do Sul reconta a noite em que a professora recebe a medalha Negrinho do Pastoreio. Essa menção honrosa foi criada em 1972 para condecorar figuras que tenham contribuído para o desenvolvimento humano no estado do Rio Grande do Sul. Apesar de levar o nome da lenda gaúcha em que um escravizado é cruelmente castigado por seu patrão pela perda de um gado, a menção honrosa não tem contemplado os negros.

⁵ Herança cultural Banto no Rio Grande do Sul em que, semelhante às congadas, há a ritualização do casamento do rei do Congo com a rainha Nzinga.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

É noite de 20 de setembro de 2000. No auditório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobe ao palco, para receber das mãos do Senhor Governador do Estado do Rio Grande do Sul, a Medalha Negrinho do Pastoreio, por seus trabalhos prestados à Cultura do Rio Grande do Sul, a professora Maria Marques. Tem quase a certeza de que é a primeira mulher negra a receber tamanha distinção (HELENA DO SUL, 2002, p. 95)

O relato é feito em terceira pessoa por um narrador onisciente que revela os pensamentos da professora ao ganhar a condecoração. Assim, com salão cheio de pessoas, a memória irrompe em Maria Marques, levando-a para a infância ao lado da mãe lavadeira, esperançosa pela educação. As palmas ecoam as lembranças da mãe lavadeira: “A professora Maria Marques recebe a medalha, mas a homenageada é Dona Fortunata, negra, pobre e lavadeira” (HELENA DO SUL, 2002, p. 97). A medalha evoca também todas as outras mulheres negras lavadeiras que sustentaram social e economicamente suas famílias, ainda que em contexto de extrema miséria, resistindo.

Maria do Carmo, por sua vez, começa a tecer sua história ao lado da mãe Lídia: “Sendo a filha mais velha, ficava em casa fazendo a comida para os meus irmãos menores, enquanto minha mãe lavava na cachoeira e passava roupas com ferro de carvão” (HELENA DO SUL, 2002, p. 98). Como tantas outras filhas de lavadeiras, os afazeres domésticos acabam sendo responsabilidade dela, enquanto suas mães estão à beira dos rios. Depois de contar seu relato, repassa a caneta-Opaxorô-Ixan para dona Lídia, que relembra sua mãe escravizada com quem aprendeu, desde pequena, a lavar as meias e os lenços dos Senhores. Dona Lídia teve quinze filhos, sendo que os sete primeiros morreram e os outros oito cresceram vendo a mãe lavando, quarando, passando e engomando roupas para sustentá-los.

O sétimo relato dos nove, vem de Terezinha Juraci e sua mãe Maria do Carmo. Sobre a origem da mãe pouco se sabe, apenas que era filha de Geraldina, sem sobrenome, sem rastros. Terezinha recorda com tristeza a falta de cuidado paterno que, mesmo não abandonando a família, era abusivo e desperdiçava o minguado dinheiro das lavagens em jogos. ganhando fama de ser uma ótima lavadeira, dona Maria do Carmo começa a receber roupas de todos os lugares, dentre elas, uma cortina vermelha exuberante de uma das famílias mais abastadas da cidade. Acusando a esposa de lavar roupas de prostíbulos, o marido joga as roupas já lavadas no chão: “Até que um dia, meu pai jogou as roupas lavadas no chão e eu presenciei as lágrimas correndo no rosto de minha mãe. [...] Minha mãe chorou um choro para dentro” (HELENA DO SUL, 2002, p. 106). Mesmo caindo lágrimas, talvez de ódio, Terezinha relata esse chorar para dentro, uma dor cortante da relação abusiva entre o pai e a mãe.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Assim, permanecendo nesse casamento prejudicial a ela e à família, o pai joga e perde todo o dinheiro guardado para comprar uma casa.

No que se refere ao relato de Deise Nunes, Miss Brasil 1986, primeira mulher negra a vencer o concurso de beleza, nota-se que fala de sua mãe, Ana Maria, com ternura e admiração: “Foi uma vida dura, difícil, mas mesmo assim ela nunca deixou de sonhar com um futuro melhor para todos nós. Sempre me ensinou os princípios básicos da boa educação” (HELENA DO SUL, 2002, p. 112). Os princípios de educação aos quais Deise se refere nos relembram aqueles máaticos mantidos nas comunidades de mulheres negras em que há uma preocupação com o coletivo. Acerca da importância da representatividade, Deise afirma: “Fico feliz em ser reconhecida, pois como negra e filha de lavadeira, acredito que estou conseguindo contribuir para a auto-estima de uma etnia que é sempre discriminada” (HELENA DO SUL, 2002, p. 114).

Vencer o concurso de beleza mais disputado nacionalmente e poder representar o Brasil mundialmente é um divisor de águas para o reconhecimento do público da beleza negra. Deise Nunes alcançou a sexta colocação no Miss Universo 1986, desafiando os padrões estéticos que continuaram a se reproduzir através das mulheres brancas com traços europeus. O lapso de tempo entre a vitória de Deise Nunes e de Raissa Santana, a segunda Miss Brasil negra, é de trinta anos. Deise encerra com a mensagem que incentiva outras mulheres negras a não deixarem de sonhar, de lutar e persistir, esperança herdada de suas Ancestrais.

O último rastro recolhido do Rio Grande do Sul é de dona Nair, professora aposentada de matemática, conhecida como Nair do Assis Brasil, escola em que lecionou. Helena do Sul relata que dona Nair “Era muito admirada nessa Escola, pela sua pontualidade, assiduidade, pela educação e o carinho por todos os educadores, alunos, funcionários, amigos e visitantes do atual Instituto de Educação Assis Brasil” (HELENA DO SUL, 2002, p. 138). Uma figura maternal, preocupada com todos à sua volta, herança, talvez, africana pautada na filosofia *Ubuntu*. A mãe e avó lavadeiras perceberam que a educação é uma arma na luta contra o racismo, o sexismo e a pobreza e incentivaram as novas gerações que superaram o ciclo dos tanques. Mesmo analfabeta, a avó era assídua frequentadora dos teatros de Pelotas, em tempos posteriores em que a entrada dos negros fora permitida.

Interessante notarmos, nos relatos das filhas de lavadeiras, o processo de lavagem das roupas. As mais manchadas e sujas eram fervidas em latas aquecidas por brasas na beira dos rios. Depois de lavadas e esfregadas em tábuas ou pedras, as roupas eram postas para quarar, ou seja, eram estendidas no chão para que pegassem sol. Do mesmo modo, a presença

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

do anil, em pedra ou em forma de trouxa chamada de boneca de anil, é uma constante na lavagem das roupas brancas. Depois de secas, eram engomadas e passadas a ferro em brasa, que exigia cuidado redobrado para que não se queimassem nem se manchassem as peças.

De posse dos 21 referenciais históricos, rastros recolhidos por Helena do Sul, a escritora senta-se à beira do rio para examinar cada peça. O ato segundo, “Lavação de roupas”, é dividido em duas partes: “Conversa com os botões” e “O sabãozinho está ficando pouco, sumindo”. A simbologia das lavagens de roupa transmuta-se em um diálogo entre Helena do Sul, ortônimo, e Maria Helena Vargas da Silveira, a autora, retirando peças de roupas de uma trouxa, rastros recolhidos e postos para quarar nos referenciais históricos.

A primeira peça é um lençol, peça grande e com muitos detalhes a serem refletidos. De toda forma, esse lençol apresenta os rastros da resistência da população negra, tendo essas mulheres ao centro como mantenedoras e provedoras de suas famílias. Percebemos ao longo das narrativas que, durante muitos anos, a sobrevivência das famílias negras dependeu de suas matriarcas ao que Helena do Sul endossa que: “As mulheres negras começaram a trabalhar de cozinheiras, quituteiras, lavadeiras, amas de leite, tornando-se o alicerce da mobilidade social, econômica e educacional” (HELENA DO SUL, 2002, p. 195). Ainda, na esperança de superar essa repetição geracional do labor dessas mulheres negras, muitas apostaram na educação que, por sua vez, apresentou inúmeras barreiras discriminatórias contra essas filhas de lavadeiras, conforme se nota nos livros emprestados, uniformes surrados e sapatos furados cobertos por jornais para manter os pés aquecidos. Mesmo assim, persistiram e conseguiram romper com o carrego colonial herdado e forçosamente imposto a essas filhas.

Já lavado, o lençol precisa de braços fortes para ser torcido e, nas reflexões de Helena do Sul, não faltou força nessas mães lavadeiras. Verdadeiras guerreiras em uma luta constante e cansativa, sem aliados, ao lado de maridos que também não tinham oportunidades financeiras ou, ainda, que abandonavam ou desperdiçavam o pouco fruto econômico das lavagens. Mas os moinhos-dragões dessas mães lavadeiras são mais persistentes que aqueles perseguidos por *Dom Quixote* (1605), de Cervantes (1547-1616). Ainda assim, as discriminações sexistas e racistas deixam feridas também presentes na caminhada acadêmica dessas filhas. Helena do Sul aponta que: “[...] aparece essa marca do dar-se conta dos preconceitos, do pouco caso que faziam das meninas negras” (HELENA DO SUL, 2002, p. 200).

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Deixado de lado o lençol, uma toalha de mesa lilás bordada de sangue surge na trouxa. Ela simboliza a morte constante dos filhos recém-nascidos, bem como a morte de muitas dessas mães lembradas, a solidão dessas mulheres, a infidelidade conjugal, a agressão física e moral, entre outras violências e violações. Helena do Sul resgata, em especial, dois rastros: o lençol de linho da patroa levado pela correnteza e a pouca força da menina lavadeira, ainda criança, tendo que arcar com os custos exorbitantes de tal peça; e o pai que joga a filha no rio com colchão e tudo por ter urinado na cama.

Preparando-se para o final dessas reflexões, em “O sabãozinho está ficando pouco, sumindo...”, Helena do Sul recupera o sabão de soda em barra, o anil, polvilho, amido de milho e o ferro a carvão. Esses instrumentos das lavadeiras ressurgem nessa reflexão como pistas deixadas pelo tempo, nas malhas da memória, como lembranças que irrompem em inúmeros e diferentes momentos. Nessas lembranças, a miscigenação surge como questão a ser pensada e compreendida, origens que foram apagadas, árvores genealógicas negadas que terminam em uma Ancestral escravizada que não se sabe de que parte da África fora amputada. Mulheres negras emergem em recordações muitas vezes estupradas nas senzalas.

A obra de Helena do Sul retoma a herança cultural herdada das mães que, mesmo analfabetas ou semianalfabetas, “[...] gostavam de Literatura, música clássica, óperas, operetas, teatro, cinema [...] Faziam teatrinhos em casa para as crianças, contavam histórias” (HELENA DO SUL, 2002, p. 209). Esse fato nos faz lembrar duas escritoras, basilares na Literatura Afrofeminina (SANTIGADO, 2012), Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Conceição Evaristo (1946-). A primeira, semianalfabeta, lia os livros e jornais encontradas no lixo, escrevendo em folhas de cadernos que também encontrava nas coletas de papel a ser reciclado. Evaristo, em sua escrevivência (2005; 2007), nasce no símbolo riscado de sol da mãe lavadeira e nas histórias contadas, como ela mesma afirma.

No âmbito da religiosidade, por sua vez, os rastros remontam à matriz judaico-cristã, alguns, inclusive, enclausurando a negritude em crenças que geram medo de um inferno tão igual ao mundo já vivido. Mas os cantos e rezas de matriz africana, em especial, Banto, são rememorados pelas vias das Congadas, no sudeste, e do Maçambique de Osório, no sul. Nessa reflexão, Helena do Sul resgata uma santa católica importante, Santa Bakhita. Josefina Bakhita (1869-1947) se tornou a primeira santa africana, canonizada em 2000 pelo Papa João Paulo II (1920-2005). Da matriz africana, é Xangô quem é referenciado ao encontrar um axó vermelho no meio das trouxas, o Orixá da Justiça.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Sobre as rupturas da roda marginalizada e subalternizada das filhas das lavadeiras o compilado narrativo de que a escola é figura central e de suma importância, afinal, é ela a esperança dessas mães. Além disso, muitas dessas filhas resistem através de programas sociais, dentro do Movimento Negro, nas suas comunidades e em outras organizações para que haja representação política. Assim, Helena do Sul retoma a verdadeira herança deixada por essas Ancestrais escravizadas, mães lavadeiras, às filhas intelectuais:

A herança deixada pelas mães lavadeiras resume-se em valores que incluem o estudo, a alegria de viver, o trabalho, a coragem, a honestidade, a organização, a disciplina, a solidariedade, a amizade, a fé, o carinho, o amor, o bom trato para com os semelhantes, a resolução dos problemas, sem brigas, a proteção da figura do pai, mesmo que tenham problemas, a criação de estratégias para conseguir o desejado. Ainda influenciaram no gosto pelas Artes (HELENA DO SUL, 2002, p. 216)

O que foi herdado, logo, são os costumes, hábitos, formas de sobrevivência e resistência, bem como valores máxicos em que se busca um meio-termo, um equilíbrio para as relações, posicionando-se ao centro a família, conceito ampliado pelo matriarcado africano em que ela não constitui um núcleo, mas a coletividade. Essa Ancestralidade perpetua-se pela união das mulheres na beira dos rios ajudando a lavadeira do lado, nas filhas carregando água para as mães e outras lavadeiras, pela *dororidade*. Sob essas circunstâncias, o eco-liberdade da filha questiona a mãe sobre o diálogo dela com ela mesma ao que chega à conclusão de que: “A Senhora era elas. Elas eram a senhora” (HELENA DO SUL, 2002, p. 218).

No diálogo com a filha, destaca a necessidade da visibilidade e sugere o escândalo como forma de desvelar o grito abafado, silenciado pelo sexismo e machismo interseccionalizados. Helena do Sul sugere a morte trágica em um atropelamento em que o corpo sem vida de “uma negra, aparentando setenta anos, pelas mãos calosas e a curvatura da coluna deveria ser lavadeira das redondezas, ainda com cheiro de sabão de soda e a presença de pigmentos azuis e coadjuvantes ignorados, parecendo pó de anil” (HELENA DO SUL, 2002, p. 219). A tragicidade do ato vai ao encontro das escrituras e dos nós (pronomes).

No terceiro ato, “Peças expostas ao tempo”, produz cinco poemas: “Sapeca”; “Conselho de lavadeira”; “Lavadeira em quatro operações”; “Sabão de nada”; e “Coroação”. O primeiro, “Sapeca”, retoma a avó Lídia que contava a forma de economizar água lavando as cuecas dos solteirões com cuspe. Em “Conselho de lavadeira”, explica-se uma simpatia à Santa Clara segundo a qual, jogado sabão em cima da casa, pede-se à Santa para clarear o tempo de chuva. Helena do Sul, contudo, rememora os conselhos maternos de não entregar todo o sabão à santa.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Já o poema “Lavadeira em quatro operações” tem como tema as canções cantadas na beira do rio, desde Jamelão à cânticos de Umbanda. Em “Sabão de nada”, Helena do Sul brinca com o boato de que o sebo de que era feito o sabão vinha de animais doméstico e dos corpos mortos dos negros, o que teria provocado a quebra da fábrica de sabão e a exigência por sabão de coco. Por fim, “Coroação”, tece uma homenagem às mães lavadeiras com uma flor que nasce na beira das águas em que lavam as roupas: “A tina escorreu sua água derradeira/ E lavou o chão, onde nasceu uma flor” (HELENA DO SUL, 2002, p. 230).

No quarto e último ato, “Secar”, Helena do Sul recolhe as fotos das mães lavadeiras, bem como de suas filhas em togas. A primeira foto é de Ana Maria Martins, de Caxambu (MG), e a última é a de dona Maria Yolanda, mãe de Helena do Sul. Ao todo são trinta e seis fotos que variam entre fotos individuais das mães sentadas como rainhas africanas, outras como verdadeiras matriarcas que são; fotos individuais das filhas vestidas com as togas das suas formaturas; e em família. Da última e única foto da família da autora, um verso escrito pela mãe: “No galho de uma roseira/ nasce o espinho e nasce a flor./ Cuide para que o espinho / não venha causar-lhe dor./ Não culpe nunca a ninguém,/ pela sua provação”. E assim se encerra a secagem das roupas.

Considerações finais

As ferramentas da academia de base eurocêntrica não nos permitem, com profundidade e organicidade, refletir sobre as nuances éticas e estéticas de autoria negra e, em especial, de mulheres negras. A “ferramenta” que escolho e de que trato neste artigo aponta para as seguintes constatações: O que se escreve é sagrado, é a pedra de Exu atirada amanhã que acerta o pássaro que se come hoje, é a *adinkra* “Sankofa” que voa para frente olhando para trás. A inscrição negrofeminina (QUADROS, 2023) possibilita pensarmos em um giro epistemológico que instaura a “Ancestralidade” ao invés da “Tradição”.

Com fortes marcas da oralidade, característica dos povos africanos escravizados que constitui nossa ancestralidade, obras dessa natureza, ao tomar o espaço de dominação do colonizador (a língua e a escrita), subvertem toda a logicidade euro-branco-cêntrica. Ao subverterem também constroem possibilidades de explorar a potência da escrita dessas mulheres, ainda, invisibilizadas. Ao final, esse “ebó” exige também formas inabituais de análise e leitura.

Helena do Sul sintetiza todo o álbum histórico que tece em *As filhas das lavadeiras* (2002) à semelhança da beleza estética encontrada nos versos pretos e populares deste século: “Oh mãe, ensaboa mãe, ensaboa para depois quarar” canta o samba-enredo da Escola de Samba Unidos do Viradouro em 2020. Helena do Sul já recolhera, dezoito anos antes, a

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

história resistente dessas mulheres nos relatos de suas filhas, sendo ela, a própria autora, neta dessas lavadeiras que possibilitaram a sobrevivência dessas famílias negras.

Reitero que a população negra gaúcha resiste desde as charqueadas e, mesmo ainda invisibilizada, toma o poder da escrita nas mãos de Helena do Sul. Já não mais nos importa os mecanismos que silenciam as nossas Ancestrais, buscamos “novas ferramentas”, lavando, ensaboando, quarando e secando novos tecidos.

Referências

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. 2011. Disponível em: geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-138situacao-da-mulher-negra-na-americalatina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/. Acesso em 20.11.2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). *Representações performáticas brasileiras: Teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007. p. 16-21.

GONZALEZ, Lélia. *A mulher negra na sociedade brasileira*. In: LUZ, Madel L. (Org). O lugar da mulher: Estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 87-106.

HELENA DO SUL (Maria Helena Vargas da Silveira). *As filhas das lavadeiras*. Porto Alegre: Grupo Rainha Ginga, 2002.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jass Oliveira. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. P. 137-141.

MACHADO, Sátira; et. al. Mulher afro-gaúcha: Negritude à flor da pele. In: PAIVA, Sérgio Rosa de (Org). *Mulheres do Rio Grande do Sul: Diversidade*. Porto Alegre: SFERASRP, 2006.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Nós, 2017.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

QUADROS, Denis Moura de. *Ferramentas afrocentradas para pensar uma literatura de autoria de mulheres negras gaúchas*. São Paulo: Na Raiz, 2023.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas: Ed. UFRB, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Recebido em: 16/6/2023

Aceito em: 30/12/2023

Publicado em: 30/3/2024

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

**BLACK FEMALE INSCRITURA OF HELENA DO SUL (1940-2009):
THE KNOTS OF *AS FILHAS DAS LAVADEIRAS* (2002)**

Dênis Moura de Quadros
Universidade Federal do Rio Grande
(denisdpg10@gmail.com)

ABSTRACT

When we list a list of works authored by Brazilian women, especially in the last twenty years, we notice two gaps: women from the southern region of the country and black women. By interweaving both categories, the silencing becomes striking to the point that we believe that there are no black women writers from Rio Grande do Sul. The objective of this article is to present an Afrocentric analysis of the work *As filhas das lavadeiras* (2002), by Maria Helena Vargas da Silveira, a black woman from Rio Grande do Sul. As a theoretical framework, I list other tools of analysis (LORDE, 2019), such as the black-female inscirtura (QUADROS, 2023), a central point of discussion; *escrevivência* (EVARISTO, 2005; 2007); and *dororidade* (PIEIDADE, 2019). The work brings twenty-one accounts of washerwomen's daughters from the south and southeast regions of the country, sometimes in the first person, sometimes in the third, weaving stories of resistance and erasing the "Official History".

Keywords: Afro-feminine literature; black female inscirtura; *escrevivência*.

Dossiê "Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

**INSCRITURA NEGRA FEMININA DE HELENA DO SUL (1940-2009):
LOS NUDOS DE *AS FILHAS DAS LAVADEIRAS* (2002)**

Dênis Moura de Quadros
Universidade Federal do Rio Grande
(denisdpg10@gmail.com)

RESUMEN

Cuando enumeramos una lista de obras escritas por mujeres brasileñas, especialmente en los últimos veinte años, notamos dos lagunas: mujeres de la región sur del país; y las mujeres negras. Al entrelazar ambas categorías, el silenciamiento se vuelve llamativo hasta el punto de que creemos que no existen escritoras negras de Rio Grande do Sul. El objetivo de este artículo es presentar un análisis afrocéntrico de la obra *As filhas das lavadeiras* (2002), de Maria Helena Vargas da Silveira, mujer negra de Rio Grande do Sul. Como marco teórico, enumero otras herramientas de análisis (LORDE, 2019), como la inscritura negro-femenina (Quadros, 2023), punto central de discusión; escrevivências (EVARISTO, 2005; 2007); y dororidade (PIEIDADE, 2019). La obra trae veintiún relatos de hijas de lavanderas de las regiones sur y sureste del país, a veces en primera persona, a veces en tercera, tejiendo historias de resistencia y borrando la “Historia Oficial”.

Palavras-clave: Literatura afrofeminina; inscritura negrofeminina; escrevivência.

Dossiê “Escritas de autoria feminina do novo milênio no Brasil”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 12	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------